



percursos teórico-metodológicos e práticos da Geografia Escolar

**OS DESAFIOS DO ENSINO DE GEOGRAFIA SOBRE O
ADVENTO DAS ESCOLAS MILITARIZADAS DE RORAIMA:
DEPOIMENTOS DE PROFESSORES ACERCA DO MODELO “PADRÃO”.**

Bruno Sobral Barrozo
Universidade Federal Roraima
eubarrozzo@gmail.com

Wagner da Silva Dias
Universidade Federal Roraima
wagnerdias@usp.br

Resumo: Este artigo de cunho qualitativo é continuação da pesquisa no qual foram feitas nas escolas militarizadas de Boa vista – RR em 2019, sequência no qual traz a fala de dois professores de Geografia. As duas escolas que discorreremos junto aos relatos dos docentes se encontram na zona oeste da capital, que pelo decreto governamental, inicia-se o compartilhamento da gestão escolar com a Polícia Militar de Roraima – PM/RR e o Corpo de Bombeiro Militar de Roraima - CBM/RR. Os “colégios” assim denominados pós militarização, onde o artigo se fundamenta, são regidos pela Polícia militar, onde passou a adotar o ensino básico militarizado - EBM em 2018, e desde então, tem sido destaque em debates no âmbito acadêmico e na comunidade em geral. Deste modo, daremos continuação em mais dois colégios militarizados na zona Oeste da capital, onde buscamos conhecer como se posicionam os professores sobre a militarização das escolas, os trabalhos com os conteúdos da Geografia, a violência escolar no qual faz parte do discurso das autoridades como argumento para militarizar. Obtivemos as respostas através de entrevistas semi-estruturadas, acompanhada de nossas reflexões sobre o advento da militarização das escolas de Roraima. Portanto, concluímos nesta obra, que o discurso se diverge conforme visitamos os colégios, muito deles não compactuando com a militarização, enquanto os outros se demonstram a favor ao então modelo in voga.

Palavras-Chave: Ensino de Geografia; Ensino Básico Militarizado; Roraima.

Introdução

Este artigo tem por objetivo revelar o que pensam os professores de Geografia de duas escolas de ensino regular, que foram recentemente militarizadas, ambas localizadas na zona Oeste de Boa Vista-RR. Esta pesquisa no qual foi engendrada no ano de 2019, nos possibilitará visualizar o que pensam esses professores de Geografia, sobretudo, suas práticas de ensino e os demais aspectos que a militarização reverberar em seu cotidiano. As escolas no qual discursaremos neste trabalho, estão inseridas no decreto Governamental nº 25.974-E¹.

Quando uma escola é militarizada, muitas questões ecoam nas nossas mentes, apesar de parecer um simples decreto formulado pelo Governo entre os setores da segurança pública sem consulta com as comunidades em geral. Segundo Ricci, (2019, p. 108) “Entre as iniciativas de captura das redes públicas de ensino, a mais esdrúxula é a entrega da gestão de escolas, às corporações militares”.

Goiás, Distrito Federal, Roraima, Pará, Amazonas, Bahia, Santa Catarina, Ceará, Tocantins, Sergipe, Piauí. Estados da federação governados por partidos distintos, e até adversários entre si, convergem na adoção da militarização da gestão das escolas públicas (RICCI, 2019 p. 108).

Nesse espaço, o CEM - Colégio estadual militarizado, ofertarão o ensino fundamental - anos finais e o ensino médio, nos turnos matutino, vespertino e/ou noturno na modalidade: educação de jovens e adultos - EJA. A militarização segundo seu regimento vai, “basear-se nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, onde irá garantir ensino público gratuito e com qualidade, com a participação da família e da comunidade escolar”, garantirá também, “o desenvolvimento integral do educando, baseado nos princípios da hierarquia e disciplina militar”. Quanto a esses pressupostos, Barrozo e Dias, (2019) enfatizará que:

A princípio, as escolas militarizadas possuem um viés de valorização da ordem, da disciplina e da exaltação da pátria. E nesta linha é que se implanta a doutrina no ensino básico militarizado, que pode fazer recuar a espontaneidade do corpo docente e a liberdade de cátedra dos professores (BARROZO, DIAS, 2019. P.4216).

Quanto a gestão administrativa, que é constituída pelo diretor militar, cabe então a responsabilidade de organizar, coordenar e avaliar todas as atividades desenvolvidas no

¹ Este decreto “dispõe sobre a aprovação do Regimento Geral da Rede de colégios estaduais militarizados do estado de Roraima”. Onde XVIII escolas de ensino regular foram militarizadas em 2018.

âmbito CEM – colégio estadual militarizado, o Art. 7º do Regimento garantirá no Inciso III - proporcionar criação e instalação de instâncias democráticas deliberativas como conselho de classe, associação de pais e mestres-APM, ainda incentivar a criação e instalação de Grêmio Estudantil; e conselho Pedagógico Disciplinar”. Desde modo Melo, (2015) indaga que,

As famílias veem os Colégios Militares como locais em que seus filhos estarão seguros, protegidos da marginalidade e das drogas, e onde aprenderão não somente aquilo que é próprio das escolas ensinarem, mas também ou principalmente, a disciplina, a obediência, o respeito à hierarquia, valores que eles pais não estão conseguindo desenvolver nos filhos (MELO, 2015).

Portanto, esse novo modelo militarizado de gestão, que de novo não tem nada, vem seduzindo a comunidade civil não só em Roraima, mas em todo o Brasil. Segundo Vieira (2019) atualmente, a rede estadual militarizada em Roraima é composta por 19 escolas, sendo 11 na Capital e outras sete unidades no interior do Estado. Com a adesão ao programa de Escolas Cívico-Militares do MEC, o número de escolas militarizadas passará de 19 para 21.

Esse velho paradigma militarizado de gestão escolar no estado de Roraima, está sendo apresentado como uma solução para a problemática da violência escolar e nos arredores dos bairros onde a comunidade do entorno se aglomera, e por conta disso, vêm seduzindo parte da sociedade civil. As propostas oficiais de melhorias, do rendimento de seus alunos através da diminuição do número de reprovações e da introdução da disciplina militar, com princípios norteados pela hierarquia e disciplina chamam a atenção de uma parte da população, que anseia por uma educação de qualidade e que seus filhos estejam seguros na escola. É importante destacar também que as emergências dos novos modelos militarizados de gestão escolar não estão livres de resistências e críticas.

A clássica obra de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe (1985)² no faz refletir o cenário no qual se instaurou a educação do Brasil, onde o termo Antagonismo se sobressai no corpo docente, resultando a uma reflexão. Quem são os professores que estarão a adentrar no âmbito escolar ou aqueles que já estão inseridos, compactuando por uma educação no qual desvaloriza o público discente como seres críticos e ativos em uma sociedade altamente egoísta.

A escola pública no qual o ensino deve ser para toda a comunidade, fundamentando-se principalmente na liberdades e valorização da autonomia e criticidade, se torna antagônico,

² Hegemony & Socialist Strategy: Toward a Radical Democratic Politics – 1985 é uma obra de teoria política na tradição pós-marxista.

pois muitos dos que atuam no ensino regular, defendem causas totalmente contrárias a classe que está prestes a perder o espaço que tanto tem lutado, valorização e liberdade de expressão. Uma escola que não propõe possibilidades de acesso, que integralize não os espaços, resulta em um cenário mecânico, no qual o paradigma educacional que hoje se debruça o ensino regular, escolas com gestão descomprometidas, menos integradas socialmente e etnicamente no meio em que atuam nos fazem pensar para onde estar indo à educação.

Partindo dessa especificidade, a escola vai perdendo sua identidade com a evasão de alunos que não se “Moldam” nos padrões de regime ditatoriais. O lugar no qual os alunos antes da Militarização teriam um “sentimento” e “afeto” pela escola. Duran, (1996) nos explica esse fenômeno de pertencimento de lugar e não-lugar (citado e traduzido por Kaecher, 2004)

O lugar se identifica, na Geografia da percepção, com o espaço vivido. Segundo os geógrafos, lugar é o espaço vivido, o horizonte cotidiano, que tem sentido de identidade e pertencimento. É o lugar de cada um de nós. Em consequência, para que o espaço seja lugar deve transformar-se em algo significativo para as pessoas (...) Por outro lado, cada vez mais o habitante se sente sem influências na elaboração de seu habitat, há perda do sentimento de enraizamento e ligação” (DURAN, 1996, p. 17).

De que modo esse espaço vivido como afirma Duran (1996), pode ser idealizado por alunos nesses espaços militarizados? Seguindo nessa linha de pensamento, a escola nem sempre teve seus dias de glórias, assim afirma Guimarães (2017),

A escola pública se expandiu sem um correspondente investimento, culminando com a banalização da educação, ocasionando um “apagão educacional” deixando espaço para o crescimento da violência no ambiente escolar, trazendo como resposta a estas questões, em diversos estados brasileiros, a militarização a proposta pedagógica prioriza princípios e práticas de um ensino moderno e atual, embora tenha como base valores tradicionais (GUIMARÃES, 2017).

O contexto militarizado de ser, sobre as comunidades excluídas

Antes de tudo, começaremos com algumas provocações sobre a prática docente nesses espaços de incerteza, refiro-me desta forma, de modo que o olhar de vigilância percorre nos corredores, sobretudo em sala de aula, quando a vigilância de uma sociedade punitiva que exclui e objetifica o ensino. Por que militarizar? para quem militarizar e por quanto tempo militarizarão o ensino regular no Brasil? militarizar o ensino por viés hierárquico e disciplinar

tem sido o discurso por trás da solução para a violência escolar, perguntas que a comunidade civil tem deixado a desejar quanto às respostas, os despreparados de militares com a educação se tornam um desafio nesses espaços militarizados, apesar da educação hoje ter se tornado um objeto de desejo, debruçado sobre um vasto campo minado.

Michael Foucault (1972-1973) citado por Ricci, 2019³ traz quatro formas de táticas no qual a punição se sobressai, porém destacaremos 2 delas, sendo: a Exclusão, que exila; A marcação, que impinge uma cicatriz, uma mácula simbólica no nome do não ajustado, que humilha e reduz seu status. Deste modo, o fardamento torna-se um fator excludente. Segundo Ricci (2019, p. 110) “quem estuda no colégio Militar Fernando Pessoa, localizado em Valparaíso, é convidado a “**contribuir voluntariamente**” com o pagamento de uma matrícula (R\$100) e de uma mensalidade (R\$ 50). O custo para o Aluno inclui também a compra do uniforme militar, no valor de R\$150. (Grifo nosso).

Em Boa vista – RR o custo pelo fardamento simples custa R\$195, porém, ainda não foram divulgados casos de “contribuição voluntária” em valores tão altos, incompatíveis com a realidade orçamentária de famílias da zona oeste de Boa vista – RR. Sobre as possíveis alterações com a militarização nas escolas, Ricci (2019, p. 109) afirma que, “O cotidiano do aluno é profundamente alterado e o aprendizado é substituído pela repressão e por normas rígidas de comportamento”. Conforme se lê em Ricci (2019, p. 109-110),

[...] ele é obrigado a vestir o uniforme militar completo de estudante. Camisa para fora da calça pode gerar advertência. O corte de cabelo dos meninos segue o padrão militar e as meninas devem manter o cabelo preso. Esmalte escuro é proibido, assim como acessórios muito chamativos.

Portanto, com o advento das escolas militarizadas de Roraima, acreditamos ser importante saber o que pensam os professores que atuam nesses espaços, como é realizado suas práticas docentes em sala a partir do cotidiano militar. Seguindo nessa linha, optamos por visitar duas escolas militarizadas, onde os discursos tendem a seguir por caminhos opostos. Vale ressaltar, que as duas escolas no qual estão sendo externados neste artigo, são regidas pela Polícia militar PM-RR.

³ A militarização das escolas públicas. *In*: Educação Contra a Barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar / Alessandro Mariano ... [et al.]; organização Fernando Cássio; prólogo de Fernando Haddad. – 1 ed. – São Paulo : Bointempo, 2019.

Metodologia

Este trabalho é Sequência da Pesquisa feita em um Colégio militarizado em Boa vista – RR, no qual foi engendrado no ano de 2019. Para obter os resultados acerca da problematização do ensino nas escolas militarizadas de Roraima, sobre tudo o que pensam os professores de Geografia com base no ensino e o militarismo, decidimos visitar duas escolas que foram recentemente militarizadas, visualizar o seu cotidiano, ambas localizadas na zona oeste. Após esta etapa, agendamos uma entrevista com os professores de Geografia que atuam nos colégios militarizados, ambas feito separadamente onde os mesmos trabalham. Os professores se mostraram sempre muito atenciosos e dispostos a dialogar sobre o militarismo, sobretudo, o ensino de Geografia. O método de pesquisa escolhido para a produção deste trabalho, favoreceu a ser feito uma análise mais ampla e prazerosa, onde o diálogo nos traria respostas para os possíveis questionamentos de como atuam esses professores no EBM – Ensino básico militarizado. Com base nisso, foi feito uma revisão bibliográfica sobre o advento do militarismo em Roraima e demais estados da Federação. Utilizamos autores como: Cássio org. (2019), Guimarães (2017), Duran (1996), Melo (2015)

Resultados e Discussão

Entrevistas com os/as professores(a) de Geografia dos Colégios Militarizados em Boa Vista-RR

Seguindo os procedimentos para a composição deste trabalho, apresentaremos a fala de dois professores, que deram o consentimento para a produção deste texto. Para embasar nossa análise, optamos por incluir longos trechos das respostas, pois consideramos que serão importantes. Quando perguntados “como uma escola militarizada influenciaria a vida do discente do ponto de vista pessoal e acadêmico?”, os professores se mostraram Otimistas.

Existe a escola militarizada nos dias atuais, como sendo uma solução para amenizar os conflitos existentes na vida deste aluno. Visto que o índice de violência, principalmente nessas escolas que estão sendo militarizadas, foi feito uma pesquisa, e o índice de violência era grande nesses bairros, e a gente vê que estava faltando mais compromisso em relação da família. E a escola militarizada fez com que esses alunos e a família tivessem mais atenção. Atenção de que forma, tanto na forma de educação, porque eu vejo que educação é primordial. E a importância é não banalizar a questão da disciplina. Tem gente que quer deixar muito à vontade. Na

escola militarizada, eles encontraram a solução, aliás, está tentando mudar esses princípios que estava sendo banalizado, que era o que, o respeito, cidadania, o que é ser um cidadão, você tem seus direitos e tem seus deveres. Amar a pátria, que eu acho que estava deixando de existir, amar a pátria. Outro detalhe muito importante é você, ser um cidadão. A gente vê que está mudando a realidade, que estava acontecendo era o que as escolas não tinham carteiras, o prédio era danificado, as lâmpadas. E essas escolas militarizadas, a gente está vendo o que, que a escola é pintada, não tem depredação do patrimônio, que é isso que a escola militarizada prega muito. Isso é amor a nação, você conservar o que tem pra você. Que a gente não via isso, os bebedouros sendo depredados e tudo mais. Nas escolas militarizadas você concretiza esses alunos da importância que é preservar esse patrimônio”. (P1)

No primeiro momento, eu até, fiquei de certa forma receoso, acharia que poderia ser de certa forma em questão de ser reprimido por ter uma relação militar e civil ne, mas depois comecei a conviver, a participar. Realmente não tenho sentido realmente esse impacto de até então, e mais nada ter ne. Pra eu tem sido do ponto de vista pessoal, pra eu tem sido normal ne, nada que possa ter me gerado impacto, mas nada até o primeiro momento.” (P2)

Apesar de destacar os aspectos positivos e negativo, é importante notar que **P1** visualiza a militarização como forma de valorização familiar, docente e discente. Já **P2** se mostrou em primeiro momento curioso e de certa forma receoso por conta do “regime militar”, percebemos que no primeiro momento ele não percebeu mudanças do ponto de vista pessoal e acadêmico, mas considera que até o momento não viu nenhuma diferença.

A questão seguinte foi um pouco mais controversa. Quando perguntadas “você entende que o ensino básico militarizado (EBM) é uma solução para a problemática da violência escolar?”, **P1** e **P2** se mostraram preocupados com a realidade escolar, onde enfatizaram a família:

Ele ajuda. Mas eu acho que tem que mudar todo o contexto familiar. Não deve trabalhar somente a escola, mas também deve se trabalhar dentro da família. E o aluno é reflexo do que ele traz de casa, você tem que trabalhar de forma em conjunto, você tem que mudar como a família ver, se eu tenho condições, se essa família tem condições, tem um emprego, e então ela vai oque? Dá todo esse suporte para o seu filho, agora se ela não tem condições, é uma família desestruturada, como a gente vê nossos alunos, desestruturados de que forma? O pai estar preso, a mãe estar presa, para mudar essa realidade a gente tem que mudar também a família, e pra mudar a família, a gente tem que mudar a forma de como o governo faz isso, acho que todos tem que está empenhado, desde as políticas públicas, o desemprego. acho que as instituições de ensino superior deveriam estudar isso mais a fundo, em relação a família. A família é a base de tudo, se a familiar está desestruturada e o teu aluno vai levar esses problemas pra escolas, ne. Agora se a família é bem estruturada, se tem condições, tem emprego, tem moradia digna, saúde, aí sim, se muda.” (P1)

Ele pode não ser uma solução, mas ele realmente vem de certa forma conter, essa expansão da criminalidade quem vem se estendendo nas escolas, principalmente na questão das drogas da violência, falta de disciplina, os alunos, os pais, a família não tem mais esse poder de pôr disciplina em casa e isso se impõe na escola. A militarização vem de certa forma conter, fazer com que possa desenvolver o trabalho da gente sem que seja, de certa forma tão prejudicado, por essa questão da falta de regras que geralmente os alunos não tem. A família não trabalha mais isso, e a escola

militar tem trabalho essa questão da regra, manter a regra rigidez e disciplina, tem sido válido. (P2)

Conforme a militarização se sustenta no campo hierárquico para a solução da Violência escolar, P1 diz ser a solução para a problemática escolar, mas afirma ser importante ser trabalhado a questão familiar, ela associa a questões como desemprego, saúde e moradia como sujeitos de desestruturação familiar, propondo políticas públicas que façam com que jovens que se encontram em situações vulneráveis sejam amparados, e extensão acadêmica com a comunidade escola. P2 não acredita ser a solução, mas sendo um meio de conter questões como violências e entre outros. A questão da família ainda é muito enfatizada quando se diz respeito a militarização, associando a falta de interesse dos alunos com questões disciplinares em casa, no qual ele se direciona a uma possível situação atual que nos faz instigar a tentar entender esse processo entre casa e escola, processos de interação com o ensino e aprendizagem.

A terceira questão, é específica para o ensino de Geografia. Perguntamos se “a militarização da escola interfere ou interferiu nas suas escolhas metodológicas e conceituais como professor/a de geografia?”.

Vai fazer dois anos que eu trabalho nessa escola. A partir do momento que ela começou a ser militarizada [...] de forma alguma ela interferiu na minha metodologia, do estudo da Geografia, logo porque a gente está empenhando a seguir o programa, único, e a gente segue esse programa que é unificado, a unificação da disciplina de Geografia, a gente tem um currículo e a gente segue esse currículo. Em relação a isso não interfere, nesse currículo único aí. (P1)

Quando eu vim trabalhar nessa escola militar, de certa forma [...] foi com esse propósito, de se conseguir pôr meus métodos sem ser tolhidos, e isso de certa forma contribuiu, tem ajudado na imposição de métodos, nos conceitos e tal. Realmente, além do que a gente trás, há também um acesso a cobrança, excesso de exigências, mas isso faz parte. Então, quanto às escolhas dos métodos, não tem alterado, modificado não, tem só agregado mais alguma coisa ne.” (P2)

P1 afirma não haver uma interferência direta sobre suas escolhas metodológicas e conceituais, até por estar seguindo um programa único para professores da rede pública, por a geografia tem esse espaço de interação com a atualidade percebemos que muitos assuntos de relevância aos alunos não são discutidos em sala de aula. Portanto, ficamos sem uma resposta concreto quanto a isto. P2 por sua vez, afirma não ter interferências quanto a sua metodologia e conceitos em sala de aula, porém indaga que existe hoje uma exigência maior, que nos faz

refletir o quanto o professor tem perdido o espaço e autonomia dentro de sala de aula, de maneira que se torna imperceptível aos olhos da maioria.

A última questão toca num assunto que tomou grande proporção na atualidade, tendo em vista que foi proibido debater e se posicionar sobre ele nesses espaços militarizados. Perguntamos: “você considera importante debater questões sobre homofobia e sexualidade nas escolas? Por quê?”

[...] É uma questão muito séria em relação a debater a homofobia e sexualidade na escola, quanto mais debater esse assunto, eu acho que [...] é que nem fosse uma criança, eu acho que debater é um assunto muito polêmico e tem que ser abordado de forma que não induza o adolescente, a gente deve combater a homofobia, mas não deve da tanta ênfase a isso, ênfase de que forma? é colocar isso na mídia, eu acho que cada um, a gente tem que aceitar o indivíduo como ele, e em relação a isso, a gente tem que combater a homofobia, mas não de forma como que as pessoas estão fazendo. Tenho certeza que tão debatendo de forma que vai trazer mais preconceito ainda, deve ser de uma forma natural, assim como a gente ensina em casa os filhos da gente, ne, aceitar as diversidades. Se a casos pontuais, sobre homofobia e sexualidade, deve-se trabalhar naquela criança que está desenvolvendo isso, e trazer pra escola, oque? A família. Conversar também com a família. Por isso que eu acho superimportante que as escolas tivessem é, um psicólogo que conversaria, é uma pessoa mais indicada. Não dá ênfase, não debater, aos poucos que vão acontecendo, deve ser tratado ao momento que for aparecendo, deve ser tratado.” (P1)

É importante porque é uma questão que tem tomado uma dimensão muito grande no mundo, no Brasil, Nacional, local, global, e de certo ponto de vista uma sociedade, vivemos em uma sociedade plural, realmente esse tema, tem que ser discutido, tem que ser debatido pra que a sociedade possa compreender e saber conviver com o diferente. Se não, realmente não tem como você viver, num mundo singular e sim plural. Plural de ideias ne, plural de sexualidade, modo de como a pessoa deve se comportar. Todo mundo tem que entender pra isso, eu acho que a escola é um local, apropriado ne, apropriado para que as pessoas possam ver essa discussão desde isso expandir-se, difundir pela cidade, como pelas comunidades. Essa conscientização, o respeito ao diferente e acima de tudo que todos tenham esse respeito, e a escola é um local apropriado para se discutir. (P2)

P1 acredita ser importante combater a homofobia, mas não com tanta ênfase, deixando entre linhas quanto a importância de debater em sala de aula, pois acredita que debater “induzirá” jovens e adolescentes, sugerindo a importância de haver extensão acadêmica com a comunidade escolar, portanto, debater ainda é um tabu. **P2** demonstra otimismo quanto à questão sobre sexualidade e homofobia dentro de sala de aula. Acredita se importante por justamente acreditar e entender que vivemos em um mundo pluralizado, no qual temos posicionamentos, escolhas, pensamentos diferentes, portanto, não considera ser dispensado nas aulas, debater questões como estas, enfatiza também que tenha uma conversa em sala de aula, para justamente não ter futuramente índices de homicídios e suicídios, cabe destacar o Brasil estar em primeiro lugar no Ranking em que mais se mata LGBTQIAP+ no Mundo.

Buscou-se apresentar neste trabalho uma investigação acerca do ensino básico militarizado - EBM. Com a pesquisa, foi possível conhecer e pensar sobre, dando ênfase ao ensino de Geografia, portanto, foi necessário conhecer de perto o cotidiano dessas escolas no qual foram militarizadas. As duas escolas visitadas são regidas pela Polícia militar – PM/RR, ambas localizadas em áreas periféricas da cidade de Boa vista e são visualizadas como modelo padrão de ensino. A fala do P1 referente a militarização, demonstra normalidade, apesar de posicionar-se a favor, indaga sempre sobre a importância da família, acreditando sempre na transformação dos jovens por viés da disciplina. P2 acredita não ser a solução, ao contrário, mas sim uma forma de contenção para a violência escolar. P1 e P2 sempre se mostraram a favor da participação familiar no contexto escolar, para que se promova um debate maior e melhor acerca do desempenho escolar. Porém, ainda visualizamos dificuldades da parte docente quanto aos assuntos considerados polêmicos. Segundo (Silva, 2019 p. 187) “A escola é o lugar onde as pessoas podem finalmente ser quem elas são e conquistar o seu espaço. É o lugar onde os maiores conflitos das descobertas pessoais aparecem”. Debater questões sobre homofobia, para P1 não se faz necessário, porém, deixa entre linhas quanto ao combate, apesar de percebermos ainda em suas falas insegurança a determinados assuntos no qual os jovens e adultos estão inseridos. Já P2 demonstra a favor do debate em relação a homofobia e sexualidade, acreditando ser importante, pelo fato de vivermos em um mundo pluralizado, assim indagou. Sobre as práticas, escolhas de conteúdo e abordagens, P1 e P2 não sofrem interferência da gestão militar, porém, se policiam quanto as suas metodologias.

Referências

- BARROZO, Bruno Sobral; DA SILVA DIAS, Wagner. Os desafios do ensino de Geografia no contexto de escolas militarizadas de Roraima: depoimentos do Colégio Estadual Militarizado Maria dos Prazeres Mota. *In: XIV ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO DE GEOGRAFIA. Anais eletrônicos [...]*, 14, Campinas: Unicamp, 2019. p. 4214-4226. Disponível em: <https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/anais14enpeg/article/view/3233/3098>. Acesso em: 14 nov. 2020.
- RICCI, Rudá. A militarização das escolas públicas. *In: CASSIO, Fernando. (org.). Educação Contra a Barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar*. 1 ed. São Paulo: Bointempo, 2019.
- DURÁN, Diana. **Geografía y transformación curricular**. Buenos Aires (Argentina): Lugar Editorial, 1996. 96p.
- GUIMARÃES, Paula Cristina Pereira. Os novos modelos de gestão militarizadas das escolas estaduais de Goiás. *In: XXIX SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*, 29, 2017, Brasília. **Anais eletrônicos [...]**. Brasília: Unb, 2017. Disponível em: <http://www.snh2017.anpuh.org/>

resources/anais/54/1502846486_ARQUIVO_TRABALHO_COMPLETO_ANPUH_-
Paula_2017(1).pdf . Acesso em: 08 out. 2019.

KAERCHER, Nestor André. **A Geografia escolar na prática Docente: a utopia e os obstáculos epistemológicos da Geografia Crítica**. 2004. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/15909>. Acesso em: 14 nov. 2020.

MELO, Virgínia Maria Pereira de. A entrega da gestão das escolas públicas estaduais para a Polícia Militar em Goiás: militarizar é a opção? **Boletim ANPED**, Rio de Janeiro, 3 ago. 2015. Disponível em: <https://anped.org.br/news/militarizacao-de-escolas-publicas-solucao>. Acesso em: 14 nov. 2020.

VIEIRA, Dina. Roraima passará a ter 21 escolas Militarizadas. **Folha de Boa Vista**, Boa Vista, 02 out. 2019. Educação. Disponível em: <https://folhabv.com.br/noticia/CIDADES/Capital/Roraima-passara-a-ter-21-escolas-militarizadas/58001>. Acesso em: 14 nov. 2020.